

Jorge Silva Melo, 2004

MEMORANDO AGORA PARA UMA CASA DESCONHECIDA

«*Ociosas, as sombras perseguem gestos e as formas.*

Fiama Hasse Pais Brandão. *Epístolas e Memorandos*

Não, não são fantasmas, nem sombras, nem vestígios, ecos, nada disso, que é o que mais há e todos já registaram, são ângulos rectos que se cruzam, uma máquina de reflexões, um cubismo de olhares, uma teia romanesca de imaginações, não, não são saudades, olhares para o passado, nostalgia, o desabitado que marca a casa, neste novo trabalho de Ana Vieira, é um palco de olhares tecidos, recortados, olhares cruzados, ouvidos surpreendidos, incitamentos, aliciações, sugestões que o som guia, surpreende, conduz, Scylla e Caribdis puxando a si o libidinoso navegante, passeante, espectador, eu mesmo, navegante em perigo, pois navegamos em redondo por esta casa opaca e transparente, pelas portas entreabertas que desvelam, pelo ângulo certo, pela recusa circular da totalidade.

Se é a meia-encosta que Nietzsche pedia que nos colocássemos para encontrar o melhor ponto de vista sobre a matéria, é a meia-porta que Ana Vieira nos sustém a cada esquina deste círculo vicioso, em que o perigo espreita, a luz não vem do fundo, nada transparece através das frinchas de Deus, como nas cinzentas casas de Hammershoi ou Dreyer, cada porta tem um romance por detrás, como dantes as janelas que James Stewart de fora e telescópio espiava. Haverá um sentido nisto, um policial de que não vemos o fim, a presença das projecções, reflexões, miragens, luzes, até o triste e incandescente *néon* nos olha, feroz, a nós que passeamos suspeitosos, indiciados. Depois do tremendo negrume, estóica lápide contra morte que foram as suas capas com interior espelhado (os *Pronomes* que uma noite de Novembro de 2001, vi na Galeria Franco Steggink, em São Miguel, Açores), depois da cortina branca esvoaçando na brisa, monótona, suspensa e ecoando a espera, o adeus, a dilacerante ausência (*AnteCâmara*, Galeria Giefarte, 2002), há neste passeio entre perigos e recatos que Ana Vieira agora instala em singular 3.º andar da Baixa de Lisboa, um sarcasmo, uma ironia, um desapego, uma ferocidade, um sentido trágico dos gestos sempre recomeçados, dança, mãos, corpo que veste, perna que surge e desaparece, mão cortando legumes, facas para quê, para onde, que opacidade é esta, que história contamos, de que incitação nos fala, quem nos expulsa da propriedade da vida interior, que casa particular, casa desconhecida é esta, que sonhos encastrados nestas paredes as atravessam, de que mordacidade falamos?

As casas de Ana Vieira, que tantas vezes nelas se inscreve, de fora, por fora, recolhendo-lhe em tecido as sombras azuis, sobrepondo, pintados, os interiores aos exteriores, ocultando, revelando, remetendo à passagem dos corpos, sombras vazias no tempo, não são já lugar de espera ou nostalgia, as casas estão feridas, há lanhos de desejo, de transfigurada conotação sexual, há na frieza do memorando um escalpelo analítico, anda perto daqui a lâmina afiada de Hitchcock, podíamos ouvir os pássaros atacar, casa encantada, desencantada, casa lembrada, imaginada, sonhada, sonho do olhar, nódoa, cicatriz.

É desta cicatriz das casas que a Ana Vieira sempre foi tratando, esconderijo ou reflexo, cicatriz interior, mesa que pode ser teatro. E o dispositivo geométrico que agora instala, partindo a cada ângulo recto para outra refração, reflexão, projecção ou desmultiplicação do ângulo é a faca recortando o nosso olhar, *néon* que nos arde na

sala ao fundo, mas ao fundo de quê, de que passeio por onde nos metemos? Que rasgão nas casas é este? Sangram?

As paredes estão com febre - e pode haver um riso, um desapego sobre o que fomos vivendo por aqui, em perigo, escapando à luz, sem sermos vistos, visitantes fantasmáticos de uma tarde.»

Catálogo *Casa Desabitada*. Ana Vieira, Lisboa, Artistas Unidos, 2004

Catálogo *Ana Vieira: Muros de Abrigo / Shelter Walls*; Ponta Delgada [Açores], Museu Carlos Machado, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, pp. 216 (org. Paulo Pires do Vale)
